

O desafio dos campeões

Em 2022, a Itália tentará ser a terceira detentora do título da Eurocopa a conquistar a Copa. Duas seleções conseguiram: a Alemanha campeã de 1972 levou o Mundial de 74. Vencedora em 2008, a Espanha deu a volta olímpica na África do Sul, em 2010. A Argentina tem tabu maior. O campeão vigente da Copa América jamais levou o Mundial. Ausente na Copa de 2018, a Itália repetiu com título da Eurocopa os enredos da Tchecoslováquia (1976), Holanda (1988), da Dinamarca (1992).



Aponte o celular e leia o placar e a programação de tevê de hoje.



Com atuação de três atores brasileiros, Itália consome novela épica no Velho Mundo: três anos depois de ficar fora da Copa, é bicampeã continental em fim de semana abençoado por Paolo Rossi e Maradona

John Sibley/AFP



Ranking de taças

- 3 Alemanha e Espanha
- 2 Itália e França
- 1 Rússia, República Tcheca, Portugal, Holanda, Dinamarca e Grécia

Terra nostra

MARCOS PAULO LIMA

Diego Maradona e Paolo Rossi são bons de papo. Nem bem chegaram ao céu e convenceram os deuses da bola a esbalecerem uma nova ordem no futebol.

Oito meses depois da morte de D10S, a Argentina foi campeã da Copa América, no sábado à noite, ao derrotar o Brasil por 1 x 0, no Maracanã, encerrando 28 anos de jejum da seleção principal. Ontem, o banquete foi servido em outra catedral. Wembley viu a Itália, ferida pela perda do ídolo Paolo Rossi, há sete meses, ganhar a Euro depois de 53 anos, ao superar a anfitriã Inglaterra nos pênaltis por 3 x 2 após empate por 1 x 1 em 120 minutos de bola rolando. Gols dos defenso-

res Shaw e Bonucci.

A reviravolta da Itália é digna de produção de uma série. Em 2017, os tetracampeões do mundo foram eliminados pela Suécia na repescagem e ficaram fora da Copa da Rússia, em 2018. Três anos depois, resgaram o respeito na Eurocopa de forma invicta.

Os novos imperadores da Euro não perdem há 34 jogos sob a batuta do mentor da revolução, o técnico Roberto Mancini. Estão a um de igualar o recorde do Brasil, de Zagallo (1996), e da Espanha, de Del Bosque (2009).

Por falar no técnico, Mancini cercou-se de velhos amigos da geração mais vitoriosa da Sampdoria na montagem da comissão técnica. Há 30 anos, o clube italiano amargava o vice da Champions League contra o Barcelona,

“Os jogadores foram fantásticos. Tenho caras extraordinários. Não há palavras para o grupo maravilhoso. É preciso ter sorte nos pênaltis. Sinto muito pelos ingleses”

Roberto Mancini, técnico da Itália

em Wembley. Era o auge do grupo que, em 10 anos, ganhou o único título italiano (1991), quatro edições da Copa Itália (1985, 1988, 1989 e 1994), uma Supercopa da Itália (1991) e uma Recopa (1990).

O treinador da Itália, Roberto Mancini; os auxiliares Alberico Evani, Attilio Lombardo e Giulio Nuciari; e o chefe da delegação, Gianluca Vialli fizeram parte daquela história escrita sob as or-

dens do sérvio Vujadin Boskov.

A “sampedorização” da Itália é um dos trunfos do bicampeonato europeu. Mas há outros. Se uma grande seleção começa por um baita goleiro, o jovem Donnarumma, de 22 anos, mantém a linha de Zoff, Zenga, Pagliuca, Buffon e tantos outros arqueiros históricos da escola italiana, ao tornar-se herói do título. Pegou as cobranças de Sancho, 21, e Sa-

ka, 19, e viu a jovem geração inglesa, parte dela contemporânea dele em torneios de base da Europa, encharcar o gramado de Wembley de lágrimas, enquanto Donnarumma celebrava a noite de herói com uma frieza alemã.

Outro símbolo do sucesso joga na zaga. Aos 36 anos, o capitão Chiellini, aquele mesmo, mordido pelo uruguaio Luis Suárez na Copa de 2014, no Brasil, viu o parceiro Bonucci empatar a final a ajudá-lo a erguer a taça, repetindo gesto de Giacinto Facchetti — dono da braçadeira no título de 1968 contra a Iugoslávia, no Estádio Olímpico, em Roma.

Por falar na capital italiana, a torcida “roubou” o mantra dos ingleses na bola. *Football is coming home* virou *Football is coming Rome* com três contribuições em

língua portuguesa. O brasileiro Jorginho quase teve dia de Roberto Baggio ao desperdiçar uma cobrança do pênalti que poderia ter consumado o bi. Logo ele, que havia sido protagonista do pênalti que eliminara a Espanha na semi.

No fim, festejou mais um título na temporada. Há dois meses, ele e o compatriota Emerson, titular da lateral esquerda na final em substituição ao Spinazzola, ganhavam a Champions League pelo Chelsea. O zagueiro Rafael Tolói é o outro ítalo-brasileiro no elenco bicampeão europeu.

Jorginho, Emerson e Tolói se juntam a Marcos Senna (Espanha, 2008) e Pepe (Portugal, 2016) na lista dos brasileiros campeões da Euro. O trio italiano ampliou o jejum da Inglaterra. Agora, são 55 sem título desde a Copa de 1966.



Astro da Seleção parabeniza amigo nas redes sociais e chama argentino de melhor da história que viu jogar

Neymar xinga e faz juras de amor a Messi

Neymar não conseguiu levar o Brasil ao título da Copa América após escolher a Argentina como rival ideal para a decisão. Chorou na derrota por 1 x 0 no Maracanã e, ontem, usou as redes sociais para lamentar a derrota e felicitar o “irmão Messi”, com quem ganhou oito títulos no Barcelona.

“Perder me machuca, me dói... É coisa que eu ainda não aprendi a conviver. Ontem (sábado), quando perdi, fui dar um abraço ao maior e melhor da história que eu vi jogar: meu amigo e irmão Messi. Fiquei triste e falei para ele: “filho da p...”, você me ganhou”, revelou Neymar, em um texto publicado no Instagram.

Depois de chorar pela derrota, o brasileiro fez questão de cumprimentar o argentino com forte abraço, ainda no gramado. As tevéis da Argentina ainda flagram os camisas 10 na maior resenha nos vestiários.

“Fico triste demais por ter perdido. Mas esse cara é f...! Tenho um respeito muito grande pelo o que ele fez pelo futebol e, principalmente, por mim. Odeio perder! Mas desfrute do seu título, o futebol te esperava por esse momento! Parabéns, hermano filho da p...”, concluiu Neymar.

Fora da Olimpíada de Tóquio por causa de restrição do Paris Saint-Germain, o brasileiro, ao

lado do companheiro de equipe Marquinhos, vai desfrutar de alguns dias de descanso antes de se reapresentar na França.

A temporada europeia começa em meados de agosto. Poucos dias depois, porém, Neymar estará de volta à Seleção Brasileira para a disputa das Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo do Catar. Em 2 de setembro, o Brasil visitará o Chile. Cinco dias depois, receberá o Peru.

Argentina

Artilheiro, com quatro gols e cinco assistências, Messi desembarcou, ontem, em Buenos Aires,

sob forte esquema de segurança, seguiu para a sede da AFA e, de lá, viajou para reencontrar a família e dar início às férias.

“Precisava tirar esse peso das costas. Tinha de conquistar algo com a seleção, estive muitos anos perto e sabia que, em algum momento, daria certo. Agradeço a Deus por me dar este momento, no Brasil, no Brasil”, vibrou, repetindo o local. “Acho que Deus estava guardando este momento para mim. A felicidade que sinto é louca, inexplicável”, disse o desempregado. O vínculo de Messi com o Barcelona acabou em 30 de junho e o suspense sobre o velho ou novo clube continua.

Mauro Pimentel/AFP



Neymar driblou Messi na final, mas viu o amigo ganhar a Copa América